



RESENHA:

VENTORINE, Sílvia Helena. **A experiência como fator determinante na representação espacial da pessoa com deficiência visual.** São Paulo: UNESP, 2009, p. 114.

*Luciana Maria Santos de Arruda*¹
lu_mariaarud@hotmail.com

O livro de Sílvia Helena Ventorine é resultado de sua dissertação de mestrado defendida no Curso de Pós-Graduação em Geografia da UNESP de Rio Claro, no ano de 2007. Com base na sua larga experiência e pesquisa com alunos deficientes visuais (cegos e de baixa visão), a autora trás informações imprescindíveis para graduandos e professores de geografia do ensino fundamental e médio que buscam conhecimento de como trabalhar com alunos deficientes visuais.

O livro aborda a deficiência visual como um todo, mostrando e analisando as especificidades do que é uma pessoa com baixa visão e uma pessoa cega. Para isso, em seu levantamento bibliográfico a autora elenca diversos teóricos dando maior ênfase para Vygotsky, David Warren, Custforth, Veiga e Vasconcelos. A autora ressalta que o trabalho de Vygotsky relacionado a deficientes visuais indica a importância das relações sociais e a linguagem no desenvolvimento cultural desses indivíduos. Utiliza David Warren para nortear a sua pesquisa no que se refere ao desenvolvimento da criança cega em que apresenta suas características com relação ao período sensório-motor.

Já em Custforth e Veiga, ela analisa a utilização do verbalismo na educação do indivíduo cego destacando o *visuocentrismo* (onde se dá mais importância a linguagem falada em detrimento da utilização dos outros sentidos), deixando explícito a necessidade da discussão desse tema. Em Vasconcellos ela se baseia nos mecanismos de produção das maquetes e mapas táteis.

¹ Professora e coordenadora de Geografia do Instituto Benjamin Constant (IBC); Assessora na produção de mapas táteis e colaboradora na adaptação de livros didáticos. Rua Tiboim, 311. Fds. Brás de Pina, Rio de Janeiro, RJ; Cep 21011-650

A partir das minhas práticas como professora do Instituto Benjamin Constant, localizado na cidade do Rio de Janeiro, observo que o verbalismo se faz necessário, porém, vale ressaltar que as maquetes são relevantes para a construção do conhecimento do aluno deficiente visual e dos alunos videntes (*normovisuais*). Neste contexto, o pensamento da autora demonstra e indaga sobre a importância da vivência, da experiência, bem como da utilização dos outros sentidos remanescentes dos alunos cegos ou de baixa visão para o aprendizado, levando-o a construir seu conhecimento, suas percepções e noções espaciais. Para que isso ocorra, concordo com a autora que é necessário diferentes abordagens metodológicas, sendo função do professor buscar as alternativas de ensino e, assim, proporcionar aos educandos, tantas quantas possíveis forem, variadas oportunidades no processo de construção do saber, como por exemplo: os mapas táteis, maquetes, saídas ao campo (visitas orientadas), onde os estudantes com deficiência visual podem explorar, por meio dos sentidos remanescentes (olfato, audição e paladar, além do tato), situações diferentes das vivenciadas em sala de aula, reafirmando a necessidade de trabalhos didático-pedagógicos que envolvam a multissensorialidade.

A autora conclui que a experiência e a vivência dos alunos foram fatores importantes no seu *lócus* de pesquisa: a Escola Municipal Integrada de Educação Especial (EMIEE) - Deficientes Auditivos e Deficientes Visuais, onde trabalhou com 10 alunos de idades variadas entre oito e trinta e quatro anos, desenvolvendo atividades, dentre elas a utilização dos mapas táteis. Suas conclusões nos mostram a necessidade de buscar outros canais de informação para a compreensão do mundo que cerca esses alunos. Para contribuir ainda mais para esta análise é importante ressaltar a sensibilidade do professor diante de seus alunos independente de qualquer deficiência.

Uma ação educativa que seja efetiva necessita ser comprometida com a cidadania e com a formação de uma sociedade democrática e não excludente. Objetivando promover o convívio com a diversidade, formará cidadãos conscientes e capazes de lidar com as diferenças. Esse é o papel da escola inclusiva: educar a todos sem discriminação, e dentro desse “todos” estão os alunos com necessidades educacionais especiais.